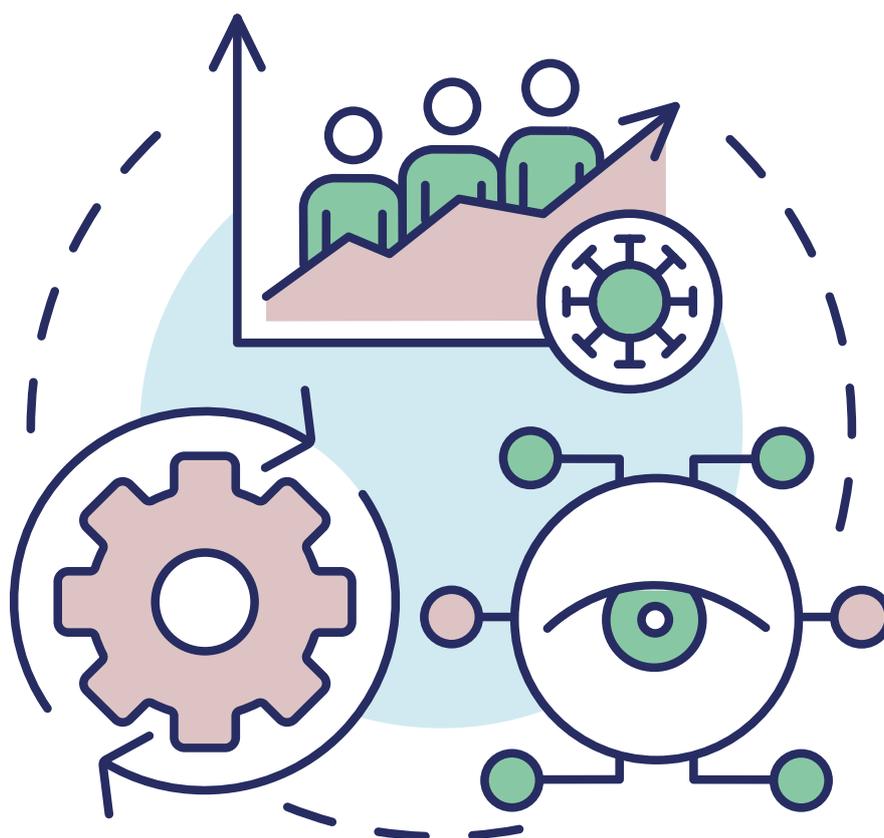




SESCOOP/SP

COOPERATIVISMO E A RESILIÊNCIA NA PANDEMIA

CASO DO RAMO CRÉDITO/SP



PEDRO IVO CAMACHO ALVES SALVADOR

Pedro Ivo Camacho Alves Salvador¹

O cooperativismo tem como verbo a cooperação. O desafio hercúleo de superar a pandemia da COVID-19, a maior crise econômica e sanitária do séc. XXI é tarefa para todos os setores econômicos. No entanto, percebe-se que houve nuances entre atores econômicos a partir da sua filosofia produtiva. Enquanto nas sociedades de capital, onde representatividade se faz através do acúmulo de capital, onde quem tem mais representação, detém mais capital. Já nas sociedades cooperativas, cada cooperado oferece sua força de trabalho e participa da gestão das empresas, em condições iguais.

Neste artigo aborda-se como o crédito cooperativo respondeu positivamente a grande parte das políticas anticíclicas promovidas no âmbito monetário. A redução dos juros no país, que gerou uma queda de 87% na comparação com o ciclo anterior². No entanto, quando comparamos a atuação do setor privado nas sociedades de capital, o crédito retrocedeu com a crise promovida pela COVID-19.

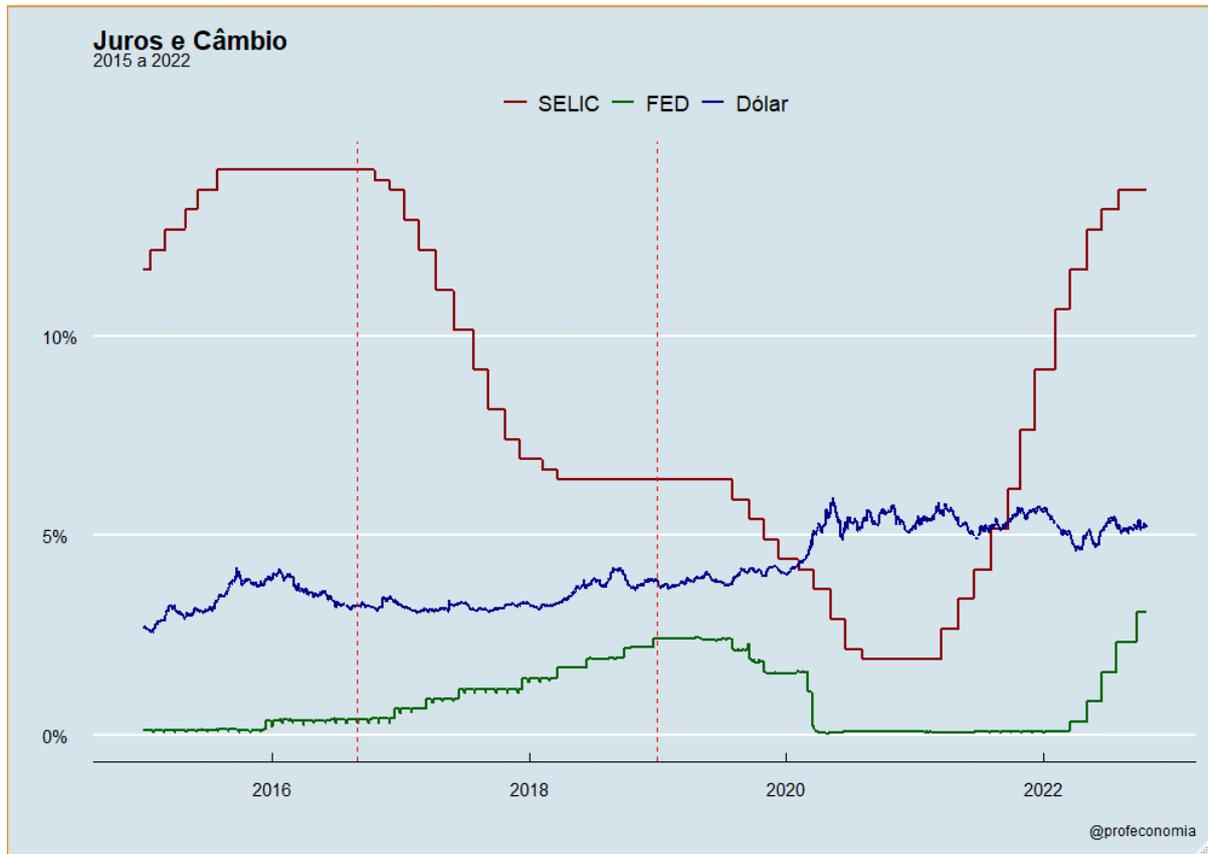
Esse retrocesso medido pelo volume de crédito, valor de mercado: onde Itaú perdeu 13% em valor de mercado, Bradesco 20%, Santander 11% e Banco do Brasil 25,6%, bem como piora nos indicadores de receita e endividamento, tornou o setor privado ainda mais contributivo para o ciclo econômico de depressão econômica, e perda de capacidade produtiva, promovida pela crise da COVID-19.

No entanto, outro lado importante do crédito, o ramo cooperativo, promoveu resultados antagônicos e anticíclicos, que possibilitaram, como demonstraremos, uma recuperação mais rápida dos setores econômicos, principalmente aqueles apoiados pelo cooperativismo no estado de São Paulo.



¹ Consultor Econômico Pleno SESCOOP/SP e Professor Adjunto do Departamento de Administração da UFF.

² A comparação é na média entre 2016/2017 da Selic, contra 2020/2021.

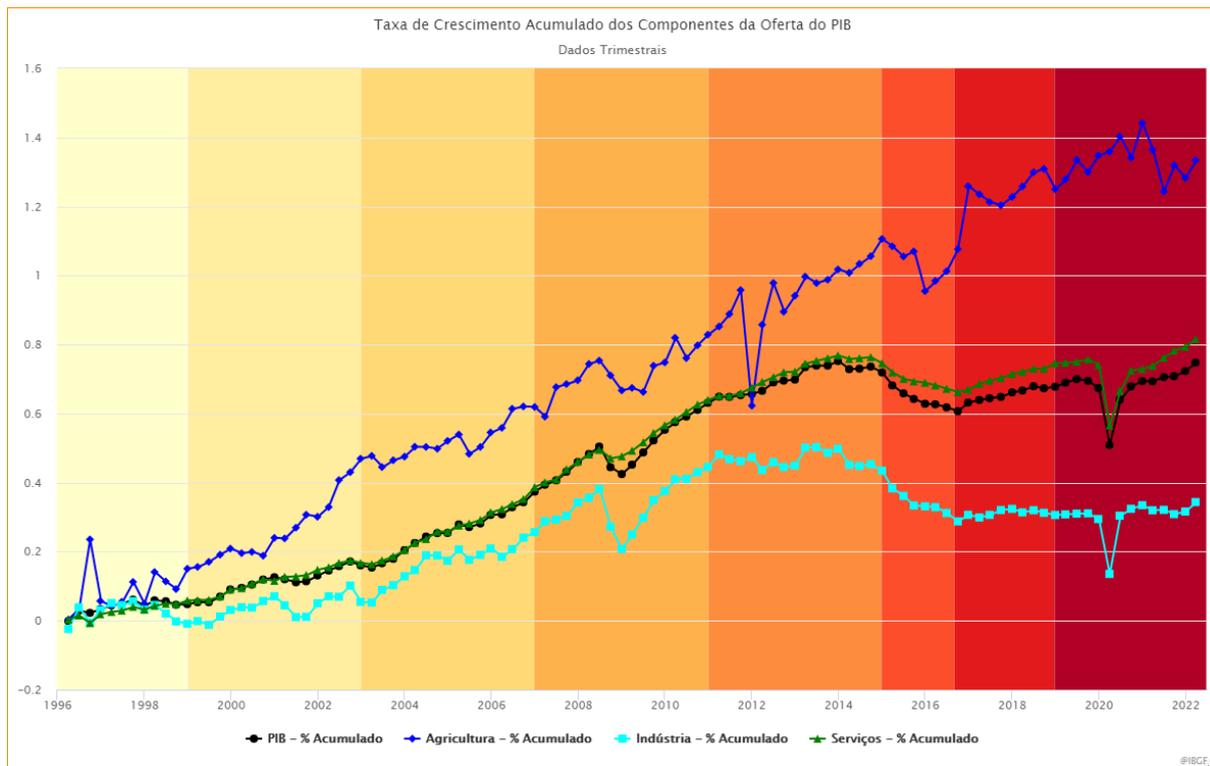
Figura 1 – Câmbio e Juros do FED e do Banco Central Brasileiro.

Fonte: Elaboração Própria.

Os setores de indústria e serviço tiveram um impacto total de quase 8 pontos percentuais (p.p.) em sua trajetória de crescimento. Analisando as médias, na comparação com os dados antes da pandemia, houve uma queda média de 3 p.p na indústria, 5 p.p nos serviços e uma elevação de 19 p.p no agronegócio, na média trimestral.

PANDEMIA	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	AGRONEGÓCIO
Não	132.86	178.78	220.21
Sim	129.59	173.54	239.72

De forma mais ilustrativa, iremos perceber que o setor do agronegócio se recuperou com muito sucesso no início da pandemia, mas enfrentou problemas, como se verá, por fatores ligados às exportações e também, como se observa pelo nosso padrão cambial, às especulações de exportadores brasileiros sobre o câmbio.

Figura 2 – Crescimento acumulado dos setores da economia brasileira.

Fonte: Elaboração Própria

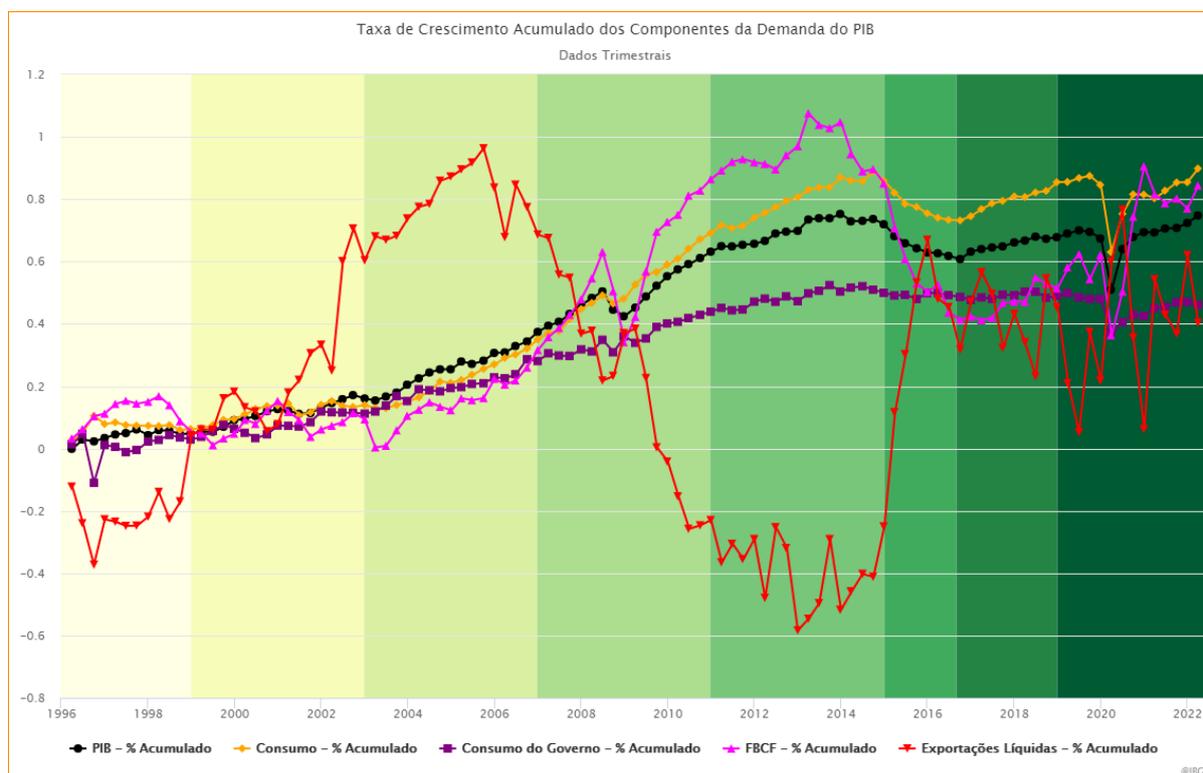
Note que a perda acumulada da oferta agregada na totalidade, na crise da COVID-19 foi de até 25%, com os setores de serviços e indústria amargando os piores resultados, respectivamente.

Avaliando agora os componentes da demanda agregada, percebe-se que as exportações líquidas perderam tração a partir da crise. Os dois mercados, que juntos somam 70% da balança comercial brasileira, seguem os dados do último trimestre com base no Boletim Trimestral (ME, 2022): China (US\$ 27,1 bilhões), União Europeia (US\$ 14,1 bilhões), Estados Unidos (US\$ 10,1 bilhões) e Argentina (US\$ 4,3 bilhões)

Com a contradição recente das exportações, e o resultado positivo do consumo das famílias, percebemos que o foco atual da economia no pós COVID-19, tem sido programas de transferência, vis a vis, políticas de estímulo ao crédito.

O resultado, no entanto, é que a despeito do aumento na renda, os juros subiram 249% no período. Nesse sentido, há um efeito renda positivo de um lado, e um efeito preço negativo de outro. Como crédito é um serviço que reage a estímulos à preço, não é simples identificar se a recuperação da renda, sozinha, irá melhorar o cenário para o ramo todo.

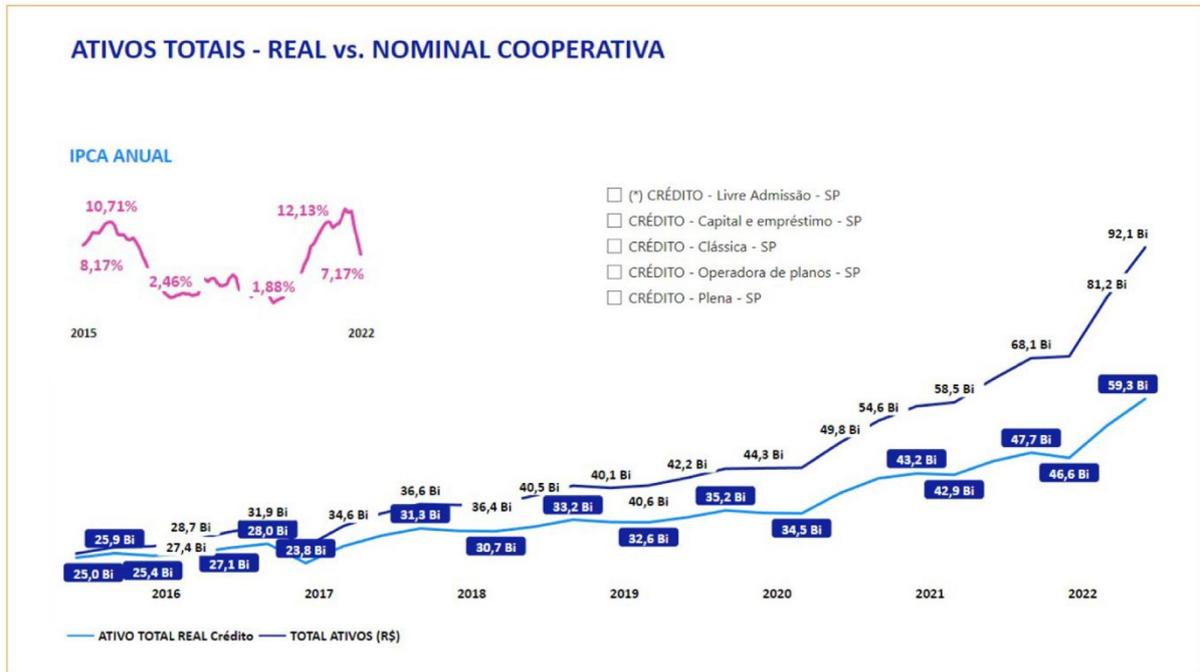
Figura 3 – Crescimento acumulado dos componentes da demanda agregada



Fonte: Elaboração Própria

Os dados do ramo indicam que, somando dentro do ramo crédito paulista, as cooperativas dos mais variados segmentos, cresceram fortemente e a uma taxa média de 46,4% anualizada. Com isso, em São Paulo, as cooperativas de crédito hoje somadas, seriam uma classe S1 (maior ou igual a 10% do PIB sobre ativo total) que rivalizaria com os 5 maiores bancos do país, no entanto, com uma taxa de crescimento acelerada e acima da média.

Figura 4 – Ativo Total ponderado pela inflação das cooperativas de São Paulo.



Fonte: BACEN e Desempenho Sistema OCB.

Essa expansão foi fundamental para que as empresas, cooperados e as cidades do Estado de São Paulo com presença de cooperativas tivessem um impacto da pandemia minorado. Além disso, o crédito aumentou na ponta, e trouxe mais retorno e menos inadimplências às cooperativas que promoveram essa expansão. Mesmo com redução de quase 50% nos lucros do sistema financeiro, mensurado pelos grandes bancos privados, como Itaú e Bradesco, no período de 2021 (período da pandemia).

Além da expansão do total investido, o ramo crédito teve uma redução da inadimplência nessa fase da expansão que se deu de forma mais decisiva a partir de 2020, identificando uma relação positiva entre o preço do crédito (SPREAD) e a inadimplência, o que é um reflexo que diferentemente de qualquer outro setor, o preço no crédito, ao se elevar, reduz a qualidade da sua carteira de clientes, e o raciocínio análogo também vale quando ele se reduz, como foi o caso recente, promovido pela redução dos juros, provocada no cenário macroeconômico nacional.

Figura 5 – Spread das cooperativas de crédito de SP.

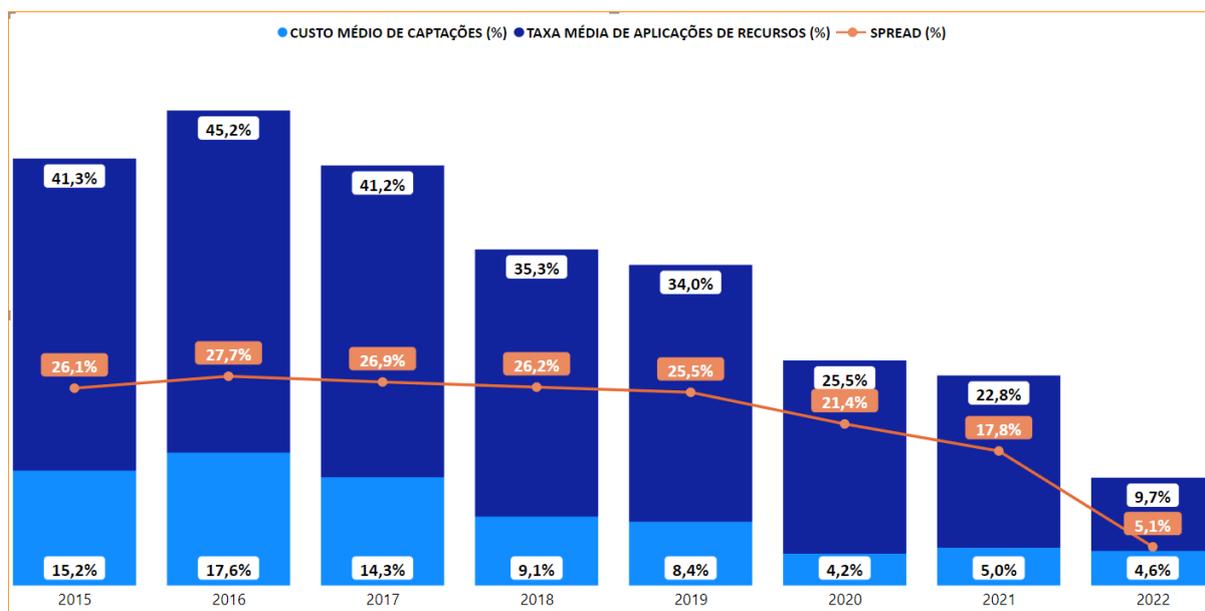
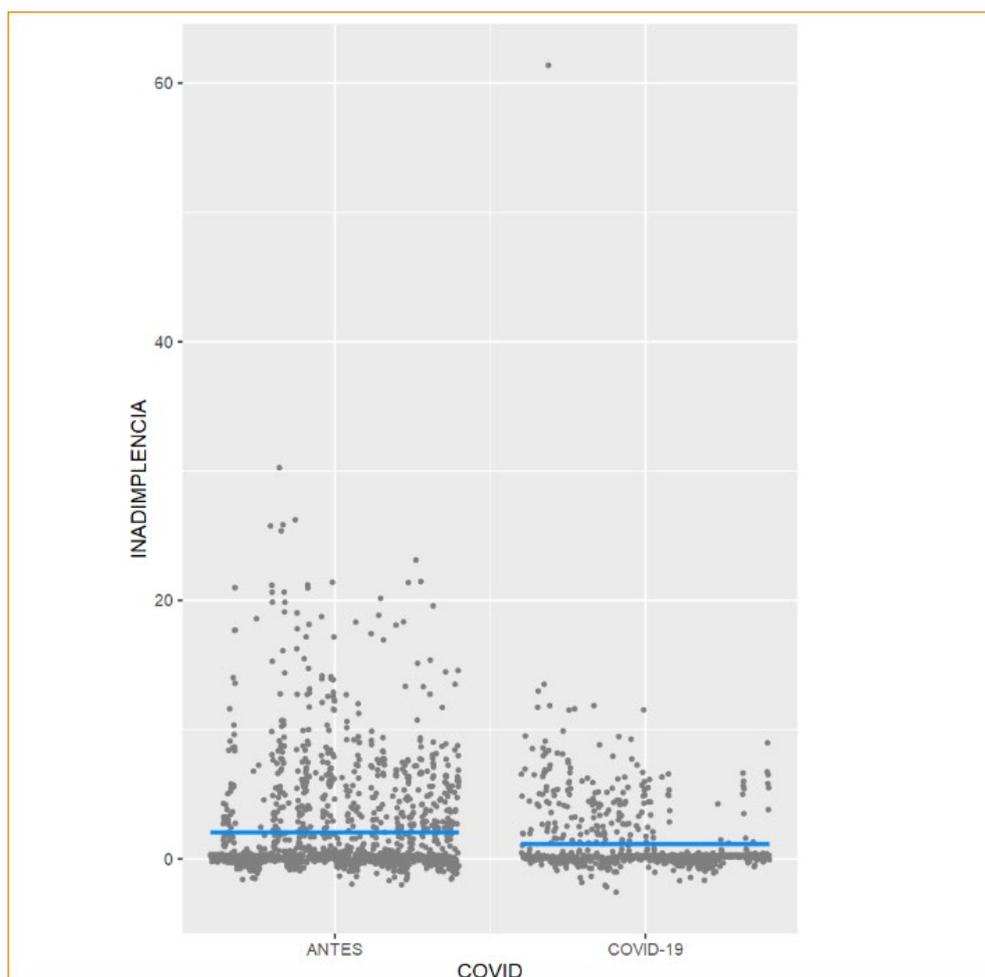


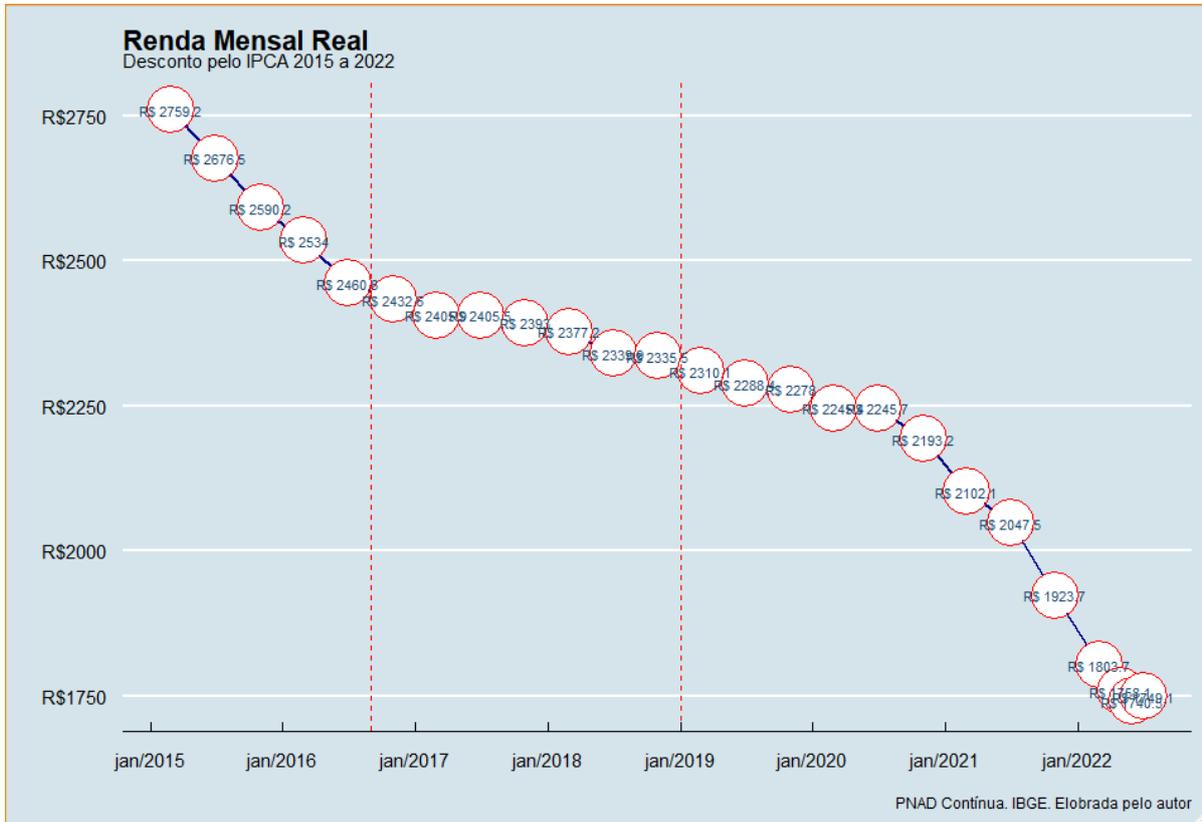
Figura 6 – Análise econométrica da inadimplência.



Fonte: Elaboração Própria

Os dados sobre a renda das famílias apontam para o mesmo caminho. Quando descontamos da inflação, a renda (real) reduz-se em até 35,18%. Assim, parte importante do crédito, conforme a literatura econômica, vem para garantir a manutenção do consumo, substituindo a renda perdida neste período.

Figura 7 – Renda mensal real entre 2015 e 2022.



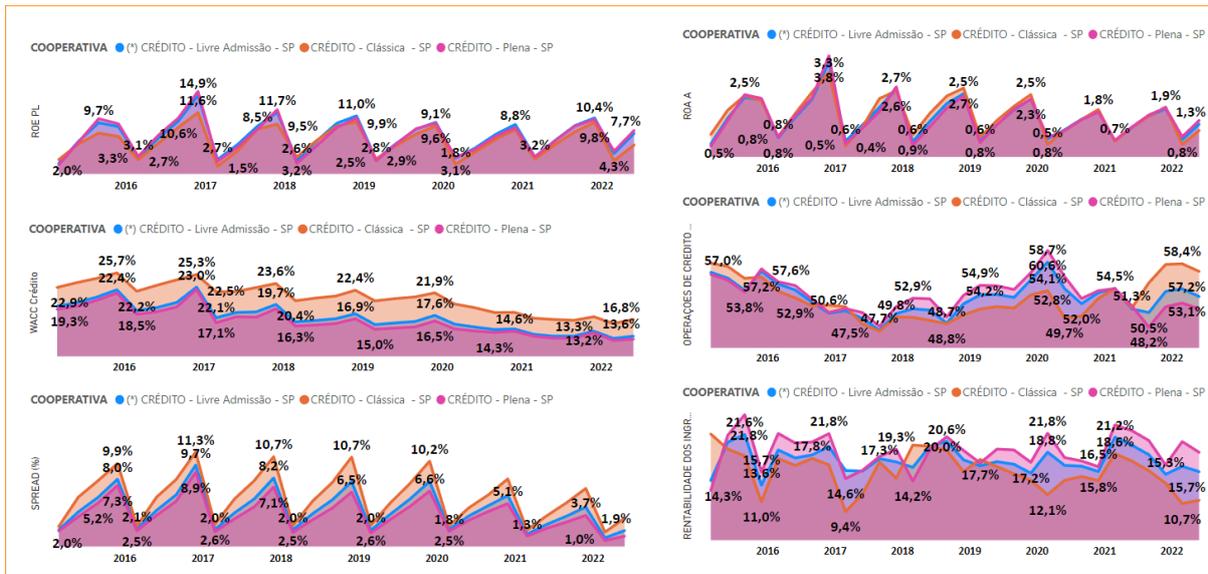
Fonte: IBGE/PNAD Contínua, elaborada pelo autor.

O período, no entanto, do pós 2022, marca uma recuperação da renda média, que passa a crescer pela primeira vez em termos reais desde 2015, mas longe do seu valor máximo. Soma-se essa queda na renda as sucessivas crises, e a perda industrial, setor responsável pelos maiores salários e aumento de produtividade.

O crédito, mola fundamental dos investimentos de longo prazo de maturidade, apresenta causalidade positiva com o processo industrial. As economias industrializadas têm em comum altos níveis de educação e também de crédito, bem como baixas taxas de juros.

No Brasil, a queda nos juros, pelo que percebemos, foi aproveitada de maneira determinística pelo cooperativismo de crédito, através da redução média do spread, melhorando os índices de inadimplência e também lucratividade.

Figura 8 – Grandes Números das cooperativas por setor.



Fonte: elaborada pelo autor.

Portanto, sem o papel das cooperativas, a queda na produção advinda da redução do consumo, investimento e exportações para o estado de São Paulo poderia atingir um patamar considerável. O que fortalece a tese de que o ramo crédito do capital cooperado foi responsável por garantir emprego, renda e consumo no estado, e suavizar os efeitos da crise.

Assim, podemos concluir que as cooperativas de crédito de São Paulo tiveram um papel importante na mitigação dos efeitos da crise da COVID-19, e que souberam utilizar a queda nos juros, para promover expansão do crédito e promover a manutenção do consumo. Mas que, no momento atual, ocorre uma inversão completa da política monetária, o que coloca em xeque a manutenção do crédito cooperado, a sua expansão, bem como a cadeia econômica que depende deste crédito.